



## Roda da Fortuna

Revista Eletrônica sobre Antiguidade e Medievo  
Electronic Journal about Antiquity and Middle Ages  
Reche Ontillera, Alberto; Souza, Guilherme Queiroz de; Vianna, Luciano José (Eds.).

**Carlile Lanzieri Júnior<sup>1</sup>**

### A ordem nas escolas do silêncio: Anselmo de Laon (c.1050-1117) descrito pela pena monástica de Guiberto de Nogent (c.1055-c.1125)<sup>2</sup>

The order in the schools of silence  
Anselm of Laon (ca.1050-1117) described by of monastic plume of  
Guibert of Nogent (ca.1055-ca.1125)

#### **Resumo:**

Neste artigo, tencionamos adentrar um pouco mais no debate acerca do *affaire* Bernardo de Claraval e Pedro Abelardo. Todavia, tomaremos uma via analítica um pouco diferente. Através das palavras escritas pelo abade Guiberto de Nogent sobre o mestre Anselmo de Laon, buscaremos compreender o significado histórico da palavra “silêncio” entre os monges medievais. Silêncio que era hábito e orientação espiritual nos mosteiros dos séculos X-XII. E foi justamente o silêncio de Anselmo de Laon que provocou as críticas de Abelardo.

#### **Palavras-chave:**

Anselmo de Laon; Guiberto de Nogent; Pedro Abelardo; Silêncio.

#### **Abstract:**

In this article, we intend to enter a little more in the debate about the *affaire* Bernard of Clairvaux and Peter Abelard. However, we will take a little different analytical via. Through the words written by abbot Guibert of Nogent about the master Anselm of Laon, we will search to understand the historical significance of the word “silence” among the medieval monks. Silence was a habit in the monasteries of the 11-12<sup>th</sup> centuries. And was just the silence and the moderation of Anselm of Laon that provoked the criticism of Abelard.

#### **Keywords:**

Anselm of Laon; Guibert of Nogent; Peter Abelard; Silence.

<sup>1</sup> Doutorando em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF).

<sup>2</sup> Este artigo é a continuação das idéias dispostas na comunicação “Farol que ilumina ou fumaça que turva? O mestre Anselmo de Laon sob as óticas de Guiberto de Nogent e Pedro Abelardo” apresentada no *IV Encontro Internacional de História Antiga e Medieval do Maranhão – Viajantes e viagens: cultura, imaginário e espacialidade* (São Luís, 11 a 14 de outubro de 2011).

Lanzieri Júnior, Carlile.

A ordem nas escolas do silêncio: Anselmo de Laon (c.1050-1117) descrito pela pena monástica de Guiberto de Nogent (c.1055-c.1125)

[www.revistarodadafortuna.com](http://www.revistarodadafortuna.com)

Ao longo da segunda metade do século XX, o *affaire* que envolveu Bernardo de Claraval (1090-1153) e Pedro Abelardo (1079-1142) ocupou as mesas de trabalho de numerosos pesquisadores, nacionais e internacionais. Sob a luz das afirmações de Jacques Le Goff (1995), quase todos tomaram o partido de Abelardo, descrito com os gládios de um combatente revolucionário frente ao arcaísmo representado por Bernardo e seus asseclas.

Em 2010, Ricardo da Costa (UFES) pôs à prova esse sedimentado cânone da historiografia medieval. Ao examinar o que foi produzido por filósofos e historiadores sobre essa famosa contenda, Costa asseverou que ela contradiz muito do que está escrito nas fontes primárias. Pior, ao ignorar o conteúdo da documentação primária disponível, alguns autores simplesmente reconstruíram o passado com nítido direcionamento teleológico.

Neste breve artigo, nossa intenção é caminhar um pouco mais pela senda aberta pelo artigo de Ricardo da Costa. Como testemunho, tomaremos as palavras de Guiberto de Nogent (c.1053-c.1125) sobre Anselmo de Laon (1050-1117), personagem criticado por Abelardo. Diferente do que este fizera, Guiberto referiu-se ao antigo mestre da escola da catedral de Laon com palavras comedidas e respeitadas.

Assim como Costa propôs, intentamos entender o recorte proposto a partir dos valores vigentes na época em que os referidos personagens viveram, destacadamente o silêncio. Silêncio que por séculos orientou a conduta dos discentes e as relações destes com seus mestres monásticos: “Façamos o que diz o Profeta: Eu disse, guardarei os meus caminhos para que não peque pela língua: pus uma guarda à minha boca; emudeci, humilhei-me e calei as coisas boas” (*A Regra de São Bento*, 6, 1: 69).

Lanzieri Júnior, Carlile.

A ordem nas escolas do silêncio: Anselmo de Laon (c.1050-1117) descrito pela pena monástica de Guiberto de Nogent (c.1055-c.1125)

[www.revistarodadafortuna.com](http://www.revistarodadafortuna.com)

### Imagem 1



Angers - BM - ms. 0024, f. 041v (século X)

Confeccionada no século X, a iluminura acima representa o Evangelista Marcos. Sentado e com a cabeça apoiada sobre o braço esquerdo, ele traça roupas que lembram a antiga nobreza romana. Em silêncio, São Marcos pensava. Em silêncio, refletia sobre o que escreveu. No alto, à direita da página, o símbolo do evangelista: um Leão. Com um livro preso em suas garras, este leva adiante o que foi escrito.

Nas páginas iniciais de *Historia Calamitatum* (História de minhas desventuras) (1121), Pedro Abelardo narrou suas andanças pelo reino da França medieval em busca de conhecimento. Entre uma cidade e outra, Abelardo encontrou Anselmo de Laon. Incisivo, Abelardo assim o descreveu:

“Se alguém com dúvidas sobre alguma questão batia à sua porta, voltava com mais dúvidas ainda. Era realmente admirável aos olhos dos que o ouviam, mas uma nulidade na presença dos que o questionavam. Possuía um admirável domínio da palavra, mas um pensamento vulgaríssimo e vazio de argumentos. O lume que acendia enchia a casa de fumo, não a iluminava de luz. A quem olhava de longe, toda a sua árvore parecia magnífica em folhas, mas quem se aproximava e a examinava mais atentamente não lhe enxergava os frutos” (*Historia calamitatum*, 3: 97 e 99).

As palavras de Pedro Abelardo eram claras: embora detentor de algum conhecimento e merecedor de admiração por parte de quem o seguia, Anselmo não era tudo aquilo que diziam ser. As assertivas de Abelardo foram tomadas como o início da ruptura com a pedagogia monástica então vigente, como se alguma coisa nova surgisse e levasse de roldão todas as práticas educacionais utilizadas até aquele momento (Jaeger, 1994).

Lanzieri Júnior, Carlile.

A ordem nas escolas do silêncio: Anselmo de Laon (c.1050-1117) descrito pela pena monástica de Guiberto de Nogent (c.1055-c.1125)

[www.revistarodadafortuna.com](http://www.revistarodadafortuna.com)

Combativo, Abelardo logo assumiu a cátedra de professor. Rápido em suas decisões, arrebanhou inimigos e seguidores. Ao longo dos séculos, os últimos se multiplicaram. Encantados pelo suposto sentimento libertário abelardino, estes produziram (e reproduziram) afirmações que não se sustentam pela aferição criteriosa das fontes. Pelo que elas dizem, mais do que condenar Anselmo (e Bernardo de Claraval) e exaltar Abelardo, é imperativo ponderar os testemunhos a partir de um universo histórico e conceitual pertinente. Assim, a postura comedida de Anselmo diante do jovem Abelardo ganha outro sentido.

Conforme supracitado, tomaremos como elemento comparativo as palavras escritas pelo abade Guiberto de Nogent sobre Anselmo de Laon em *Monodiae* (1115).<sup>3</sup> Em oposição a Abelardo, Guiberto descreveu Anselmo de maneira respeitosa. Pelo que Guiberto narrou, a pedagogia anselmiana condizia perfeitamente com seu tempo e formação. Mais do que falta de conhecimentos e indisposição ao debate – acusações de Abelardo –, as poucas frases de Anselmo eram traço da didática monástica.

Guiberto de Nogent viveu o último quartel do século XI na abadia de Saint-Germer de Fly. Os anos de estada naquele lugar foram descritos por Guiberto no primeiro livro de *Monodiae*: períodos de entrega intelectual e espiritual misturaram-se a situações de incertezas e pecados (Lanzieri Júnior, 2010: 97-110). Nesse tempo, Guiberto tornou-se discípulo de Anselmo de Bec (c.1033-1109). Autor de obras filosóficas e teológicas, Anselmo era conhecido por sua capacidade e preocupação com a formação de jovens estudantes (Colombás, 1991: 568-569). Com estima, Guiberto se referia ao antigo mestre, com quem aprendeu a compreender o mundo e a mente humana (Rubenstein, 2002: 11 e 39-44).

Entre as diversas histórias escritas em *Monodiae*, Guiberto dedicou algumas linhas à amizade que manteve com outro Anselmo – teólogo e professor da escola da Catedral de Laon –, a quem invariavelmente chamava de “mestre”. Com o decurso do prestígio de Anselmo, Laon experimentou tempos áureos: desde o último decênio do século XI, atraía levas consideráveis de estudantes. No decorrer da carreira de Anselmo, seu principal professor, a cidade alcançou o *status* de prestigiado centro de estudos teológicos e sem grandes rivais à altura (Chibnall, 1984: 89-90).

---

<sup>3</sup> As traduções de *Monodiae* aqui apresentadas são de nossa autoria e responsabilidade. Para aferição, os fragmentos originais em latim serão dispostos na seqüência de cada citação traduzida.

Lanzieri Júnior, Carlile.

A ordem nas escolas do silêncio: Anselmo de Laon (c.1050-1117) descrito pela pena monástica de Guiberto de Nogent (c.1055-c.1125)

[www.revistarodadafortuna.com](http://www.revistarodadafortuna.com)

Personalidade ascendente nas primeiras décadas do século XII, considerado o último lumiar das escolas monásticas da época em que viveu (Nunes, 1979: 152), Anselmo de Laon, na companhia de seu irmão Raul († c.1133), compilou a *Glossa Ordinaria*, obra sumária composta por comentários e explicações sobre passagens das *Escrituras Sagradas* e dos Padres da Igreja. Reverente e cauteloso, Guiberto de Nogent foi sucinto ao se referir a Anselmo.

Por volta de 1104, Guiberto foi eleito para o abaciado do mosteiro de Nogent, lugar onde permaneceu até morrer. Como abade, deparou-se com pessoas e lugares desconhecidos, frequentou a cidade de Laon e a escola ligada à catedral local. Foi lá que provavelmente conheceu Anselmo, que também foi discípulo de Anselmo de Bec (Rubenstein, 2002: 111-116). É possível que esse detalhe passado em comum permitiu a aproximação de ambos. Como veremos, as poucas frases, mas não menos significativas, que Guiberto dedicou a Anselmo de Laon podem ser sorvidas como indicativo da consideração de alguém capaz de observar e aguardar a ocasião oportuna para se manifestar.

Neste ponto específico, é importante notar a desenvoltura exibida pelo abade Guiberto de Nogent ao palmilhar as veredas entre a escola do claustro (Nogent) e a da catedral (Laon). Isso nos faz crer que, pelo menos durante boa parte do século XII, eram fluidas as fronteiras que cindiam esses lugares de saber. Talvez os contemporâneos nem percebessem tão nitidamente a separação que os pósteros definiram historiograficamente.<sup>4</sup> Os ativos intercâmbios de livros, idéias, alunos e mestres entre esses ambientes incitaram a possibilidade de tal realidade, que se inclinava mais ao diálogo aberto que à rivalidade fulgente (Leclercq, 1961: 195).

John D. Cotts (2006: 255-277) trouxe a debate essa suposta dicotomia. Para Cotts, a divisão do ambiente intelectual medieval entre as categorias “monástico” e “escolástico” é tema consagrado nos estudos sobre a Idade Média. Mas, para ele, a categoria “escola” no século XII ainda era pouco definida se comparada ao que atualmente se concebe. Por fim, Cotts sugeriu que, livre de restrições institucionais, mais apropriadas ao século XIII, categorizações rígidas que separam o pensamento monástico do escolástico são pouco úteis para os estudos do período abordado.

---

<sup>4</sup> “Professores se movimentavam entre a catedral e o claustro; livros eram transportados para ambos os lados, e a discussão era constante. Se em última análise clérigos e monges adaptaram seus estudos para diferentes fins, basearam-se em tradições comuns e reconheceram que tinham muito a aprender um com o outro” (Chibnall, 1984: 99).

Lanzieri Júnior, Carlile.

A ordem nas escolas do silêncio: Anselmo de Laon (c.1050-1117) descrito pela pena monástica de Guiberto de Nogent (c.1055-c.1125)

[www.revistarodadafortuna.com](http://www.revistarodadafortuna.com)

A primeira vez na qual Guiberto de Nogent mencionou o nome de Anselmo de Laon em *Monodiae* está no extenso relato sobre a eleição de um homem chamado Gaudri para ocupar a cadeira episcopal laonesa, vaga desde o fim da primeira década do século XII (Lanzieri Júnior, 2007: 78-88):

“Quando todos os homens assentiram a eleição, a suspeição veio somente do mestre Anselmo, cujo conhecimento em disciplinas liberais e tranqüilidade moral o tornaram um farol para todos na França, na verdade, em todo o mundo latino”

*“Cum igitur omnes assensum in ejus susceptione dissent, solus magister Ansellus, vir totius Franciae, immo latini orbis lumen in liberalibus disciplinis ac tranquillis moribus, ad ejus electione / dissensit”* (Guiberto de Nogent, *Monodiae*, Livro III, cap. 4: 284).

Mesmo sucinta, esta passagem evidencia a admiração de Guiberto por Anselmo de Laon, liricamente descrito como uma referência – “um farol” – que orientava e iluminava os caminhos dos que adentravam nos estudos das Artes Liberais. Na acepção guibertina, a estatura intelectual desse homem não se restringia aos limites territoriais do Reino da França medieval: a fama de Anselmo de Laon e do centro de estudos que comandava espraçou-se por várias regiões.

Todavia, no fragmento de *Monodiae* acima transcrito, não detectamos pistas patentes sobre qual área Guiberto de Nogent considerava Anselmo mais produtivo. Pela citação a seguir, supomos que Guiberto entendia que o mestre de Laon dominasse as disciplinas que formavam o *Trivium*: Gramática, Retórica e Dialética (ou Lógica).

“Este verdadeiro mestre intuiu nitidamente sobre o que os palatinos dos domínios papais, não digo o próprio papa, ambicionavam. Ele encontrou dificuldades para extrair a clava da mão de Hércules. Ao vê-los em mútua discussão, refreei-me, como bom escolástico, para não contradizer meu senhor, o papa, e, se posso assim dizer, até mesmo eu”

*“Ipse vero magister, altiori intuitu ambitione palatinorum inspecta, non dico domini / papae, clavam Herculi extorquere de manu difficile duxit. Domino ergo papa et me, si dicere audeam nugaciter, ipse scholasticus niti videns dominos in diversum, contradicere supersedit”* (Guiberto de Nogent, *Monodiae*, Livro III, cap. 4: 290).

O extrato de *Monodiae* transcrito acima menciona o debate ocorrido com a Cúria Papal nos momentos precedentes à decisão sobre a escolha de Gaudri para comandar o episcopado de Laon. Na presença do papa Pascoal II (1070-1118), Anselmo argumentou diante de pessoas que ocupavam postos

Lanzieri Júnior, Carlile.

A ordem nas escolas do silêncio: Anselmo de Laon (c.1050-1117) descrito pela pena monástica de Guiberto de Nogent (c.1055-c.1125)

[www.revistarodadafortuna.com](http://www.revistarodadafortuna.com)

relevantes na hierarquia eclesiástica. A atitude de Anselmo em expor as próprias opiniões nos sinaliza como indício de conhecimentos mais sólidos em Dialética, arte mestra do *Trivium*.<sup>5</sup>

Ainda sobre o extrato precedente, o que mais nos chamou atenção foi a postura de Guiberto: observou, falou quando chamado, silenciou-se quando não tinha a palavra. Ao se calar, ele reafirmava a relação respeitosa que mantinha com Anselmo. Ao que tudo indica, a afinidade de Guiberto com o mestre de Laon era a de um discípulo atento aos passos de seu nutridor. Guiberto conservava na memória o estudante que um dia foi: em silêncio, continuava a descobrir novas maneiras de aprender.

Nas entrelinhas da fonte, igualmente deslindamos a hipótese de que o exemplo prático era um dos aspectos da metodologia utilizada por Anselmo de Laon, ou daquela que Guiberto desejava que seus leitores aprendessem (Watkins, 2006: 70-97). Além disso, avistamos a humildade beneditina nas considerações deixadas por Guiberto de Nogent: humildade que fomentava a virtude e a sapiência; humildade que, desde tempos pré-cristãos e no medievo, caminhava de mãos dadas com a dama Filosofia, como ensinaram Lúcio Aneu Sêneca (4a.C-65d.C) e Hugo de São Vítor (1096-1141).

“Não há nada mais vil do que um filósofo em busca de aplausos! Será que algum doente dá palmas ao cirurgião que o opera? Guardai um silêncio respeitoso, recebi de bom grado a cura que a filosofia vos dá. Se soltardes exclamações, interpretá-las-ei como um gemido provocador por sentirdes o dedo na ferida dos vossos vícios” (Lúcio Aneu Sêneca, *Cartas a Lucílio*, Livro V, carta 52, 9-10: 178-179).

“Muitos ficam decepcionados porque querem aparecer sábios antes do tempo. Por essa razão, explodem numa intumescência de arrogância, começam a fingir aquilo que não são e a envergonhar-se daquilo que são, e tanto mais se afastam da Sabedoria quanto mais se preocupam não em serem sábios, mas em serem considerados tais” (Hugo de São Vítor, *Didascálicon*, Livro III, cap. 13: 155).

Transmitido ao cristianismo pela tradição filosófica estoíca, o silêncio arraigou-se naquele como expediente à vida espiritual (Nunes, 1978: 31-32),

---

<sup>5</sup> Conteúdo da pedagogia medieval, a dialética propunha a elaboração de conhecimentos prévios para a posterior exposição eloqüente: “A dialética é a disciplina que expõe os fundamentos das coisas. É uma parcela da filosofia que lhe dá o nome de lógica, isto é, a capacidade racional de definir, investigar e expor. Ensina de que maneira, em muitos tipos de questão pode, por meio da discussão dialética, delimitar o verdadeiro e o falso” (Isidoro de Sevilha, *Etimologias*, livro II, 22, 1: 383). Sobre o *Trivium*, cf. Joseph, 2008: 28.

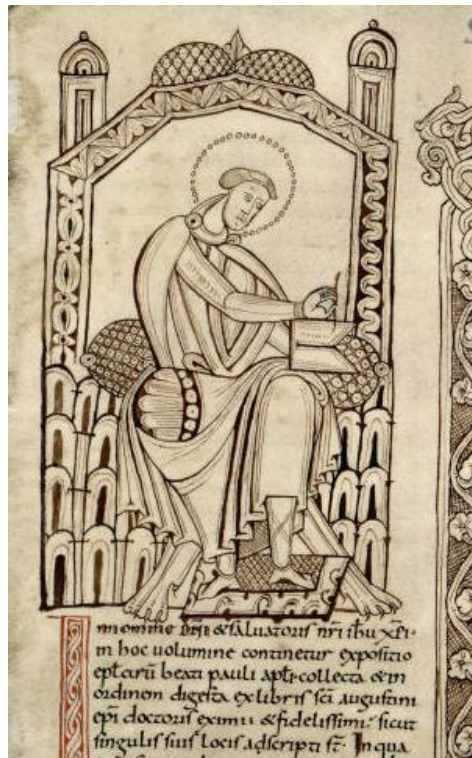
Lanzieri Júnior, Carlile.

A ordem nas escolas do silêncio: Anselmo de Laon (c.1050-1117) descrito pela pena monástica de Guiberto de Nogent (c.1055-c.1125)

[www.revistarodadafortuna.com](http://www.revistarodadafortuna.com)

mas, acima de tudo, como limitador aos estudantes precipitados e atordoados pelo deslumbre pessoal: “O coração prudente medita a parábola, o ouvido que o escuta é o sonho do sábio” (Eclo 3, 29), ou “Mas o que sai da boca procede do coração e é isto que torna o homem impuro” (Mt 15, 18).

## Imagem 2



*Agostinho Escrevendo* [Angers – BM – ms. 0065 f. 001 (Final do século XI)]

“Observando a leitura de santo Ambrósio naquela tarde de 384, Agostinho dificilmente poderia saber o que estava diante dele. Pensou estar vendo um leitor tentando evitar visitantes intrusos, economizando a voz para o ensino. Na verdade, ele estava vendo uma multidão de leitores silenciosos que ao longo dos séculos seguintes iria incluir Lutero, Calvino, Emerson e nós, que o lemos hoje” (Manguel, 2007: 71; cf. também Zumthor, 2001: 105-106).

Em *Confissões* (c.397), Santo Agostinho (354-430) redigiu sobre o silêncio comedido dos sábios ao dedicar algumas linhas à memória de Santo Ambrósio (340-397), um dos doutores latinos da Igreja primitiva.<sup>6</sup> Descrito pela pena

<sup>6</sup> São quatro os doutores latinos da Igreja primitiva: Gregório Magno (c.540-604), Ambrósio de Milão, Agostinho de Hipona e Jerônimo de Strídon (c.347-420).



Lanzieri Júnior, Carlile.

A ordem nas escolas do silêncio: Anselmo de Laon (c.1050-1117) descrito pela pena monástica de Guiberto de Nogent (c.1055-c.1125)

[www.revistarodadafortuna.com](http://www.revistarodadafortuna.com)

agostiniana como homem de atitudes simples e lacônicas, ensimesmado em leituras que lhe tomavam boa parte do tempo, Ambrósio silenciava-se para evitar discussões inoportunas e aprender com profundidade o que lia.

“Muitas vezes, ao entrarmos [...], o víamos lendo, sempre em silêncio. Sentávamos em longo silêncio [...] e depois nos afastávamos, pensando que, durante o pouco tempo que lhe restava para restabelecer a mente, livre dos problemas alheios, não quisesse ser distraído por outras coisas. Talvez evitasse ler em voz alta, para não ser obrigado por algum ouvinte curioso e atento a explicar alguma passagem difícil do autor, ou discutir alguma questão por demais complexa. Empregando o tempo desse modo, não poderia ler tanto quanto desejaria. Talvez, lendo baixo, também quisesse apenas poupar a voz, que se enfraquecia facilmente. Qualquer que fosse a sua intenção, não podia deixar de ser boa, em se tratando de homem como ele” (Santo Agostinho, *Confissões*, Livro VI, 3, 3: 146-147).

Escolas do silêncio (*silentium loquendi magister*), os mosteiros também incitaram a literatura do silêncio (Manguel, 2007: 59). Se os primeiros escolásticos se mostravam ávidos por debates orais (*disputatio*), de hábitos e métodos de ensino moderados e norteados pelo ideal de existência contemplativa (oração e meditação – *opus dei* e *lectio divina*), os monges preferiam o silêncio. No silêncio, com continência e abstinência, falavam interiormente com Deus (Leclercq, 1961: 154; Macedo, 2003: 136 e 145-146). E se o silêncio trazia em si o viés espiritual da contemplação, igualmente apresentava a necessidade prática da concentração para compreensão: “[No oratório, durante as leituras semanais] Faça-se o máximo silêncio, de modo que não se ouça nenhum cochicho ou voz, a não ser a do que está lendo” (*A regra de São Bento*, cap. 38, 5). Ler para não se perverter e prejudicar a concentração, ler para ocupar o tempo com sabedoria.

Não somente em *Monodiae* Guiberto de Nogent valorizou a serenidade habitual entre os sábios cômicos da hora exata de se calar e evitar embates desnecessários. Em certa ocasião, ele afirmou que agiu assim na presença de um homem que proferia sermão sobre falsas relíquias, mas cujo teor contrariava os preceitos do Cristianismo. Por mais que desejasse falar e questionar a legitimidade das palavras que ouvia, Guiberto optou pela cautela: viu que o silêncio seria sobremaneira sano e oportuno.

“De fato, fiquei enrubescido quando ouvi, e, se não temesse a presença dos que ouviam e ostentavam o que era dito, deveria provar que tudo aquilo era falso. O que digo? Nem monges, nem clérigos podem se aproveitar da vantagem que possuem, mesmo quando ouvem que declarações heréticas são pronunciadas acerca

Lanzieri Júnior, Carlile.

A ordem nas escolas do silêncio: Anselmo de Laon (c.1050-1117) descrito pela pena monástica de Guiberto de Nogent (c.1055-c.1125)

[www.revistarodadafortuna.com](http://www.revistarodadafortuna.com)

de nossa fé. Pois, justamente em alusão a Boécio, seria insano se contra insanos altercasse”

*“Fateor, erubui cum audissem, et nisi eorum presentiam, quos ille auctores videbatur habere, reveritus essem, ut pace ipsorum potius quam illius qui loquebatur agam, falsarium ostendere debuissem. Qui dicam? Ne monachi, nedum clerici ab hoc turpi emolumento se continent, ut res hereticas super fide nostra etiam me audiente pronuntient. Iuxta enim illud Boetianum iure insanus indicarer, si contra insanos altercarer”* (Guiberto de Nogent, *De sanctis et eorum pigneribus*, A 24: 98).

Em *De sanctis et eorum pigneribus* (c.1125), manifesto contra o mercantilismo que envolvia o trato com falsas relíquias e santos de origem popular, escrito (ou ditado) por Guiberto de Nogent pouco antes de morrer (Fernández, 2004: 317), ele reafirmou o valor do silêncio: dom da prudência, virtude capaz de preservar os sábios e desviá-los dos tolos.<sup>7</sup> Neste fragmento, Guiberto se apropriou de exemplos concretos e próprios para ensinar: em determinadas situações, sobretudo na presença dos néscios, o silêncio era a solução. Não por medo do confronto, mas porque de nada adiantava debater com alguém com ouvidos fechados pela estultice.<sup>8</sup>

Tão louvável nas orientações espirituais beneditinas e em outras regras monásticas, o silêncio era em si um ato de respeito e humildade,<sup>9</sup> mas também possuía cariz pedagógico, pois significava a etapa inicial para preparação e construção de pensamentos elevados. Como sabemos, os sábios medievais andavam com o cajado da prudência na palma das mãos: nele, apoiavam-se para decidir e ensinar. No entanto, apenas alcançariam a glória do saber quando capazes de observar e assentar julgamentos próprios e precisos.<sup>10</sup>

<sup>7</sup> Algo semelhante foi escrito por João de Salisbury algumas décadas depois: “Mas nem mesmo todos esses [grandes estudiosos] foram capazes de evitar lutar contra a tolice de alguns. Eles próprios se tornaram [temporariamente] insanos ao combater a insanidade, e, por muito tempo, debateram no erro enquanto tentavam corrigi-lo” (João de Salisbury, *Metalogicon*, livro I, cap. 5: 22).

<sup>8</sup> “Mesmo que pises o estulto no almofariz (entre os grãos, com um pilão), sua idiotice não se separa dele” (Pr 27, 22).

<sup>9</sup> “O monge precisa igualmente conter sua cólera, e sua língua tem que se abster da detração” (*Regra de Santo Isidoro*, cap. 3: 93).

<sup>10</sup> Segundo Gregório Magno, o silêncio, além de preparar a alma e conduzi-la à prudência, dava-lhe proteção: “A cidade da alma se as muralhas do silêncio está exposta aos dardos do inimigo, e quando ela se precipita fora de si mesma por suas tantas palavras, fica exposta ao seu adversário, e este a vence com poucas dificuldades, já que ela luta contra si mesma, devido à sua tagarelice” (Gregório Magno, *Regra pastoral*, Terceira parte, cap. 14, 38: 149).

Lanzieri Júnior, Carlile.

A ordem nas escolas do silêncio: Anselmo de Laon (c.1050-1117) descrito pela pena monástica de Guiberto de Nogent (c.1055-c.1125)

[www.revistarodadafortuna.com](http://www.revistarodadafortuna.com)

No referido debate no qual Guiberto de Nogent assegurou ter se conservado calado durante o discurso de Anselmo de Laon, também vislumbramos mais um dos ensinamentos advindos da pena de Hugo de São Vítor: “[...] quando começar a conhecer alguma coisa, não despreze os outros” (Hugo de São Vítor, *Didascálicon*, Livro III, cap. 13: 159). Ao seguir essa diretriz vitorina, consideramos que Guiberto, mesmo consciente de ser um abade, desejava ouvir o discurso de Anselmo. Humilde como propunha a diretriz beneditina, Guiberto não rejeitou os ensinamentos que obteria.

Do silêncio que controla a língua e os ouvidos à paciência que enfraquece e afugenta as paixões que atormentam a alma. Limpa pelo silêncio purificador dos que reconhecem através do temor a Deus a infinitude da potência divina, a alma, nas acepções vitorina e guibertina, era capaz de reencontrar sua verdadeira natureza. Ambos guiavam-se pelas *Escrituras*:

“Tua própria boca te condena, e não eu, teus próprios lábios testemunham contra ti. Foste, por ventura, o primeiro homem a nascer, e vieste ao mundo antes das colinas? Acaso foste admitido ao conselho de Deus e te apropriaste da sabedoria?” (Jó 15, 6-8).

Extraída do livro de Jó – símbolo cristão de paciência e perseverança –, a profecia veterotestamentária era direta: aos que não cultivassem a paciência e burlassem as regras do silêncio, restavam a humilhação e a condenação por permanecerem em estado de baldada soberba. Na esteira das interpretações até aqui desenvolvidas, é interessante trazer à tona o enfrentamento do mestre teólogo chartrense João de Salisbury (c.1120-1180) com um estudante que ansiava por métodos de ensino ligeiros. Nas páginas do *Metalogicon* de Salisbury, esse personagem afoito e soberbo foi mantido no anonimato sob a alcunha de “*Cornificius*”.

“Não avançava em nada do que lhe era proposto e o rejeitava como falso, rindo com desprezo. Se esperasse que provasse suas proposições, ele o expulsava, e, quando o dia estivesse terminado, perceberia que foi enganado por esperar. [...]. [Cornificius] Vangloria-se de ter um atalho por onde tornava seus discípulos eloquentes sem benefício de qualquer arte, e filósofos sem necessidade de qualquer trabalho” (João de Salisbury, *Metalogicon*, Livro I, 3: 13-14).

Desprovido de metodologia consistente (“arte” e “trabalho”) e vendendo a ilusão de ganhos intelectuais instantâneos por vias fáceis, certamente, o silêncio ordenador ia na contramão das simplificações curriculares que tencionava o tal Cornificius e seus seguidores. Todavia, segundo Salisbury, um debate mais profundo o desmascarava, e, ao se

Lanzieri Júnior, Carlile.

A ordem nas escolas do silêncio: Anselmo de Laon (c.1050-1117) descrito pela pena monástica de Guiberto de Nogent (c.1055-c.1125)

[www.revistarodaafortuna.com](http://www.revistarodaafortuna.com)

esquivar, exibia as carências de sua formação. Também na Idade Média a mentira tinha pernas curtas!

De sua parte, João apoiava a paciência e a disciplina ordeira, fomentadoras do aprendizado lento, mas profundo. Ademais, nas centúrias medievais, definia-se etimologicamente que o homem capaz de perseverar com serenidade era o que suportava e esperava tudo com disciplina.<sup>11</sup> Neste caso, até mesmo a ardente vontade de mostrar os conhecimentos adquiridos deveria aguardar ocasião oportuna: devidamente cozidos e sorvidos, os conhecimentos nutriam e fortificavam a sapiência.

Assim, pela sutileza e praticidade dos métodos adotados, a educação monástica não se restringia a um receituário prévio: era um modo de vida que englobava estudos e conduta cotidiana (Chibnall, 1984: 113). Essa assertiva torna-se mais contundente quando cotejamos as palavras de Guiberto de Nogent com as de Eadmero de Canterbury (c.1064-1124) em *Vida de Santo Anselmo por seu discípulo Eadmero*. Vejamos:

“Sua maior preocupação era a educação dos jovens. E aos que lhe perguntavam por que assim obrava, ele lhes respondia através dessa comparação: a juventude se parece com a cera bem preparada para receber a marca. Quando se imprime um selo sobre a cera, se ela está demasiado mole ou endurecida, não recebe a marca a não ser de uma maneira parcial; se, do contrário, está no meio desses dois extremos, reproduz o selo inteiramente e de uma maneira muito clara” (Eadmero de Canterbury, *Vida de Santo Anselmo*, cap. II, 16: 14).

Discípulo e biógrafo de Anselmo de Bec [cf. Southern, 1963 (Em especial a Parte II)], Eadmero de Canterbury enfatizou a preocupação de seu mestre com a formação dos jovens: desde a mais tenra idade, estes seriam preparados. Mas Eadmero não aprendeu isso de modo formal ou em um local determinado, e sim pelo convívio. Assim, pelas afirmações por ele deixadas, notamos o quanto os atos de observar o mestre e refletir sobre situações que tinha diante de si foram fundamentais para a gênese ética e intelectual de Eadmero.

Eadmero de Canterbury era contemporâneo de Guiberto de Nogent, e, assim como este, atentava-se aos atos de seu mestre, pois estes trariam implícita alguma acepção pedagógica exemplar. Pela convivência, Anselmo compartilhou seus conhecimentos com seu discípulo. Portanto, cada ato do

---

<sup>11</sup> “*Patiens* (paciente) deriva de *pavere*, ‘ferir’: é golpeado e suporta” (Isidoro de Sevilha, *Etimologías*, livro X, 201: 829).

Lanzieri Júnior, Carlile.

A ordem nas escolas do silêncio: Anselmo de Laon (c.1050-1117) descrito pela pena monástica de Guiberto de Nogent (c.1055-c.1125)

[www.revistarodadafortuna.com](http://www.revistarodadafortuna.com)

mestre era uma lição que Eadmero aprendia. Ao considerarmos que Guiberto também foi aluno de Anselmo de Bec, essa hipótese interpretativa torna-se ainda mais factível (Pelikan, 1979: 71-82).

Em outro ponto de *Monodiae*, o abade Guiberto de Nogent descreveu Anselmo como alguém que primava pela exortação à prática. Como um dia ensinou Isidoro de Sevilha (560-636), ao lado da doutrina e natureza, a prática formava a tríade imprescindível à constituição dos sábios.<sup>12</sup> Em 1111, durante a cerimônia religiosa que restituiu o aspecto sacro da Catedral de Laon – maculada depois de um assassinato em suas dependências (Lanzieri Júnior, 2007: 98-99) –, Anselmo de Laon, na companhia de outras pessoas, fez Guiberto assumir as honras de proferir um sermão à comunidade presente.

“Uma igreja nefastamente violada precisava ser reconciliada. Então, Humberto, bispo de Senlis [...], foi trazido para realizar a cerimônia. Aproveitando a convenção de pessoas e clero, o decano da igreja, mestre Anselmo e todos os cônegos me urgiram para pronunciar ao povo um sermão sobre o grande infortúnio ocorrido”

“*Ecclesia autem, quam adeo nefario constat opere, cum reconciliari egeret, directo ad Hucbertum, Silvanectensem episcopum, nuntio [...] ad id peragendum negotii accersitur. In quo populi clerique conventu a decano ecclesiae, videlicet magistro Ansello, et canonicis injunctum mihi est, ut super infortunio illo, quod acciderat, sermonem haberem ad populum [...]*”  
(Guiberto de Nogent, *Monodiae*, Livro III, cap. 6: 304 e 306).

Instilar pelo exemplo edificante, não entregar questões prontas, eram traços da educação corrente nos mosteiros medievais. Não é redundante dizer: a prática permanente de tais ações por parte de um mestre lapidava o pupilo e o tornava um ser pensante.<sup>13</sup> Muito inspirados na filosofia greco-romana, os mestres de então afirmavam que homens incapazes de raciocinar não superavam a vulgar condição animalesca. Sem ciência e sapiência, permaneciam presos aos grilhões dos prazeres enganadores da carne e do trabalho diário repetitivo (Joseph, 2008: 23; Libera, 2004: 319).

<sup>12</sup> “[...] a perícia oratória está enraizada em três coisas: na natureza, na doutrina e na prática. A natureza está baseada nas coisas inatas; a doutrina consiste na ciência; e a prática se assenta no exercício constante. Não somente no orador, mas em qualquer outro homem dedicado a uma profissão, esperamos encontrar estas três coisas se quer chegar à perfeição” (Isidoro de Sevilha, *Etimologias*, livro II, 3.2: 355).

<sup>13</sup> Sobre a atenção da pedagogia monástica medieval com a prática do que era aprendido, cf. Lanzieri Júnior, 2011: 1-12.

Lanzieri Júnior, Carlile.

A ordem nas escolas do silêncio: Anselmo de Laon (c.1050-1117) descrito pela pena monástica de Guiberto de Nogent (c.1055-c.1125)

[www.revistarodadafortuna.com](http://www.revistarodadafortuna.com)

Se o mestre induz seu discípulo ao raciocínio, este não deveria se limitar a imitá-lo. Desde a Antiguidade, os homens realmente sábios eram os que se mostraram capazes de absorver conhecimentos e dar a eles algo de si: “Mesmo que seja visível em ti a semelhança com algum autor cuja admiração se gravou mais profundamente em ti, que essa semelhança seja a de um filho, não a de uma estátua: a estátua é um objeto morto” (Lúcio Aneu Sêneca, *Cartas a Lucílio*, Livro XI, carta 84, 8: 381-382).

Em complemento ao pensamento estoico do romano Lúcio Aneu Sêneca, Marco Fábio Quintiliano (35-96 d.C) dispunha os doutos como seres detentores de alma superior porque se mostraram capazes de aprender e desenvolver a sabedoria em suas mentes. Mas essa superioridade apenas se tornaria completa se igualmente comunicada e ensinada com elegância e desenvoltura:

“Pois Elocução não é outra coisa, senão ‘exprimir, e comunicar aos ouvintes tudo o que tiveres concebido em teu espírito’, sem a qual expressão são inúteis todas as partes antecedentes, e semelhantes a uma espada escondida e metida na bainha” (Quintiliano, *Instituições oratórias*, Livro III – Da elocução, art. II, § I: 11-12).

Aprender com profundidade, obrar para o bem de si e dos outros. Por fim, transmitir e dividir com propriedade e substância o que foi aprendido: “Possuir algo que ao ser dado não se esgota e não reparti-lo com os outros não é possuir como convém” (Santo Agostinho, *A doutrina cristã*, Livro I, cap. 1, 1: 41). Possivelmente com os conselhos desses autores sorvidos na mente, a exortação do mestre Anselmo de Laon afirmava a Guiberto de Nogent que os conhecimentos eram pó se não utilizados na obra de Deus: da melhor forma possível, as coisas boas que se assentavam no espírito cristão deveriam ser transmitidas.

Uma vez compartilhado, o saber se expandia: “[...] o que Deus nos concedeu para empreender esta obra, logo que tivermos começado a partilhar, fecundar-se-á sob o sopro da inspiração” (Santo Agostinho, *A doutrina cristã*, livro I, cap. I, 1: 42). Todavia, existia a necessidade do cuidado vigilante no cultivo dessa dádiva: não utilizar por razões fúteis e soberbas os dons adquiridos. Feito isto, estava concluído o ciclo do conhecimento.

Como dissemos anteriormente, Guiberto de Nogent não foi discípulo de Anselmo de Laon em sentido estrito. É provável que as idades próximas e a posição que ocupavam não permitiram esse tipo de vínculo. Porém, Guiberto procurava ouvir e observar Anselmo. A postura de Guiberto exemplifica que a relação entre mestres e discípulos construída pelos monges medievais não se

Lanzieri Júnior, Carlile.

A ordem nas escolas do silêncio: Anselmo de Laon (c.1050-1117) descrito pela pena monástica de Guiberto de Nogent (c.1055-c.1125)

[www.revistarodadafortuna.com](http://www.revistarodadafortuna.com)

limitava a um receituário único e estático, e se recriava de modos variados. Da mesma forma, essa relação se expandia para além de espaços previamente definidos.

Entre Anselmo de Laon e Guiberto de Nogent, o elo do silêncio beneditino. Silêncio que fomentava ciência e sapiência nas escolas de mosteiros e catedrais, mas que incomodou Pedro Abelardo, homem acostumado à fluidez do ambiente urbano. A análise das fontes foi essencial para compreensão da complexidade histórica dos fatos aqui apresentados. Deste modo, adentramos os corredores sinuosos dos contatos entre mestres e discípulos. Todavia, não os hierarquizamos e, sem juízos de valor com implícitas intenções “modernas”, tomamos essas relações em si.

Sobre as mesas de trabalho de historiadores, filósofos, teólogos e outros pesquisadores, acreditamos que, lado a lado, Guiberto de Nogent, Pedro Abelardo e Anselmo de Laon devem ser hauridos por valores próprios do mundo ao qual pertenceram. Enfim, a Idade Média que aqui vislumbramos não foi (e não será) o *alter ego* da modernidade “libertária” e/ou “revolucionária” construída e naturalizada pela historiografia da segunda metade do século XX (Rust, 2004: 185-186).

## Referências

### Fontes

Abelardo e Heloísa. (2008). *Historia calamitatum*: cartas. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

*A Regra de São Bento*. (1999). 2. ed. Juiz de Fora: Mosteiro da Santa Cruz.

*Bíblia de Jerusalém*. (2004). São Paulo: Paulus.

Gregório Magno. (2010). *Regra pastoral*. São Paulo: Paulus.

*Guibert de Nogent*: autobiographie. (1981). Paris: Les Belles Lettres (Edição e tradução: Edmond-René Labande).

Guibert de Nogent. (1998). *Gesta de Dieu par les francs*: histoire de la première croisade. Turnholt: Brepols.

Guiberti Abbatis Sanctae Mariae Novigenti. (1996). *Dei gesta per francos et cinq autres textes*. Turnholt: Brepols (*Corpus Christianorum*, CXXVII A).

Lanzieri Júnior, Carlile.

A ordem nas escolas do silêncio: Anselmo de Laon (c.1050-1117) descrito pela pena monástica de Guiberto de Nogent (c.1055-c.1125)

[www.revistarodaafortuna.com](http://www.revistarodaafortuna.com)

Hugo de São Vítor. (2001). *Didascálicon*: da arte de ler. Petrópolis: Vozes.

Lúcio Aneu Sêneca. (2009). *Cartas a Lucílio*. 4. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Marco Fábio Quintiliano. (1944). *Instituições oratórias*. São Paulo: Cultura (2 volumes).

San Isidoro de Sevilla. (2004). *Etimologías*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos.

San Isidoro de Sevilla. Regra de San Isidoro. (1971). In *Reglas monásticas de la España visigoda* (pp. 90-125). Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos.

Santo Agostinho. (2007). *A doutrina cristã*. 2. ed. São Paulo: Paulus.

Santo Agostinho. (2002). *Confissões*. São Paulo: Paulus

Vida de San Anselmo por su discípulo Eadmero. In *Obras completas de San Anselmo* (pp. 5-73). Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos.

## **Bibliografia**

Chibnall, M. (1984). *The world of Orderic Vitalis: norman monks and norman knights*. Oxford: Oxford University Press.

Colombás, G. M. (1991). *La tradición benedictina: ensayo histórico* (los siglos VII-XI). Zamora: Monte Casino, tomo III.

Costa, R. da. (2010). “Há algo mais contra a razão que tentar transcender a razão só com as forças da razão?”: a disputa entre Bernardo de Claraval e Pedro Abelardo. In X Seminário Internacional: Filosofia e Educação – Antropologia e Educação: Idéias, Ideais e História, São Paulo. *Anais Eletrônicos*. São Paulo: Centro de Estudos Medievais Oriente & Ocidente da Faculdade de Educação da USP / Núcleo de Estudos de Antropologia [UNIFAI](http://www.unifai.org), 67-78.

Fernández, E. M. (2004). (Coord.). *Historia del cristianismo: el mundo medieval*. Madrid: Trotta, v. 2.

Jaeger, S. C. (1994). *The envy of the angels: cathedral schools and social ideals in medieval Europe – 950-1220*. Philadelphia: University of Pennsylvania.



Lanzieri Júnior, Carlile.

A ordem nas escolas do silêncio: Anselmo de Laon (c.1050-1117) descrito pela pena monástica de Guiberto de Nogent (c.1055-c.1125)

[www.revistarodaafortuna.com](http://www.revistarodaafortuna.com)

Joseph, M. (2008). *O trivium: as artes liberais da lógica, gramática e retórica – entendendo a natureza e função da linguagem*. São Paulo: É Realizações.

Lanzieri Júnior, C. (2007). *A sabedoria de um monge medieval: as relações políticas sociais nas memórias do abade Guiberto de Nogent (século XII)*. Juiz de Fora: Editar.

Lanzieri Júnior, C. (2011). Da diuturna faina espiritual à sapiência dos doutos: a prática do saber sob a pluma dos mestres medievais. In *XXVI Simpósio Nacional de História*, 2011, São Paulo. *Anais Eletrônicos*. São Paulo: ANPUH, 1-12, Disponível em: [http://www.snh2011.anpuh.org/conteudo/view?ID\\_CONTEUDO=775](http://www.snh2011.anpuh.org/conteudo/view?ID_CONTEUDO=775).

Lanzieri Júnior, C. (2010). Se o homem ensorbece, a alma padece: Guibert de Nogent e sua peleja pessoal contra a vaidade. In Zierer, A. (Org.), *Uma viagem pela Idade Média: estudos interdisciplinares* (pp. 97-109). São Luís: UEMA.

Leclercq, J. (1961). *The love of learning and the desire for God: a study of monastic culture*. New York: Fordham University.

Le Goff, J. (1995). *Os intelectuais na Idade Média*. 4. ed. São Paulo: Brasiliense.

Libera, A de. (2004). *A filosofia medieval*. São Paulo: Loyola.

Macedo, J. R. (2003). Disciplina do silêncio e comunicação gestual: os *Signa Loquendi* de Alcobaça. *Signum: revista da ABREM*, São Paulo, 5, 133-167.

Manguel, A. (2010). *Uma história da leitura*. 2. ed. São Paulo: Cia. das Letras.

Nunes, R. A. da C. (1979). *História da educação na Idade Média*. São Paulo: Edusp.

Pelikan, J. (1979). A first-generation anselmian, Guibert of Nogent. In Church, F. F. & George, T. (Eds.), *Continuity and discontinuity in church history* (pp. 71-82). Leiden: Brill.

Rubenstein, J. (2002). *Guibert of Nogent: portrait of a medieval mind*. New York: Routledge.

Rust, L. D. (2010). *Colunas vivas de São Pedro: concílios, temporalidades e reforma na história institucional do Papado medieval (1046-1215)*. Niterói, 530 f. Tese de Doutorado – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói.

Lanzieri Júnior, Carlile.

A ordem nas escolas do silêncio: Anselmo de Laon (c.1050-1117) descrito pela pena monástica de Guiberto de Nogent (c.1055-c.1125)

[www.revistarodadafortuna.com](http://www.revistarodadafortuna.com)

Southern, R. W. (1963). *Saint Anselm and his biographer*. Cambridge: Cambridge University Press.

Watkins, P. D. (2006). Lanfranc at Caen: teaching by example. In Rubenstein, J. & Vaughn, S. N. (Eds.), *Teaching and learning in northern Europe 1000-1200* (pp. 70-97). Turnholt: Brepols.

Zumthor, P. (2001). *A letra e a voz: a "literatura" medieval*. São Paulo: Cia. das Letras.

**Recebido:** 21 de abril de 2012

**Aprovado:** 10 de julho de 2012